

A HISTÓRIA DA CONFEITARIA NOGUEIRA DE PELOTAS-RS NO CENTRO DE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO REMOTO

SANDRA REGINA XAVIER CAVALHEIRO¹; ROBERTO HEIDEN²;

¹Universidade Federal de Pelotas1 – x.dica@hotmail.com1

² Orientador - Universidade Federal de Pelotas1 – heidenroberto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem origem a partir dos resultados obtidos nas atividades desenvolvidas em estágio curricular obrigatório do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, realizado em modo remoto, junto ao Museu do Doce do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Durante esse período, foram explorados os temas que são foco de atuação dos referidos curso e museu a partir de diferentes possibilidades, tais como a realização de pesquisa de campo, entrevistas e a análise de documentos referentes às confeitarias antigas de Pelotas, ou seja, questões ligadas a história, memória e a patrimonialização das tradições doceiras locais.

O objetivo desse trabalho foi a produção de conteúdo para as ações que o museu está desenvolvendo para seus canais nas mídias digitais durante o período de restrições de atividades decorrente da pandemia de COVID-19. O tema das antigas confeitarias da cidade de Pelotas-RS ganhou uma centralidade durante essas atividades, em razão não somente de sua importância histórica, como também pela repercussão obtida a partir de produtos obtidos com o trabalho desenvolvido durante o estágio. No entanto, os desafios do período de isolamento demandaram soluções criativas e acessíveis para a aproximação da população para com esse patrimônio. Nesse sentido, destacamos uma série de publicações realizada sobre a Confeitaria Nogueira junto das redes sociais, em páginas próprias do Museu do Doce. Essa importância partiu não somente dos próprios interesses pessoais da autora, como das demandas por conhecimento histórico de parte da população que valoriza os sabores, a forma de fazer, e a sociabilidade em torno das antigas confeitarias que colaboraram para conferir à Pelotas o título de Capital Nacional do Doce (IPHAN, 2018).

A partir das buscas realizadas na internet, e com auxílio do serviço de digitalização da Biblioteca Pública de Pelotas, foi possível encontrar informações oriundas de jornais antigos que circularam na Cidade de Pelotas nos séculos XIX e XX, tais como, Diário Popular, Diário da Manhã e Opinião Pública, sobretudo dados referentes a cinco grandes confeitarias de maior destaque: Abelha, Brasil, Dallila, Gaspar e Nogueira, todas extintas (MAGALHÃES, 1989).

No que diz respeito as relações entre a história dessas confeitarias e a atuação do Museu do Doce, cabe destacar que a senhora Norma Nogueira, viúva do proprietário da antiga Confeitaria Nogueira, doou ao museu uma importante coleção referente a essa que foi uma das principais confeitarias de Pelotas e que funcionou do final do século XIX até a década de 1980. A existência dessa coleção foi decisiva para as atividades focarem o passado desse estabelecimento.

Acerca das demais confeitarias, e considerando-se a pesquisa realizada nos antigos exemplares do Diário Popular, Diário da Manhã e Opinião Pública, foram levantados vários dados e aspectos sobre a história desses estabelecimentos. A Confeitaria Brasil, por exemplo, foi fundada no ano de 1915 e funcionou até o fim

da década de 1970, em frente da atual praça Coronel Pedro Osório. Por sua vez, a Confeitaria Gaspar foi fundada no ano de 1910, possuía como anexo uma padaria, tal como a Confeitaria Nogueira. Ambas foram casas de prestígio localizadas na atual rua XV de Novembro. A Confeitaria Dalila, fundada em 1916, era considerada uma das mais elegantes, contava com diversos produtos, pratos e doces para consumo no local, tendo funcionado na atual rua Marechal Floriano. Cita-se ainda a Confeitaria Abelha que funcionou na atual rua Andrade Neves, até o fim da década de 1970, cedendo então espaço para a padaria Transmontana, de acordo com testemunho da própria autora deste texto.

As confeitarias acima citadas apresentavam agradáveis ambientes costumeiramente frequentados por elegantes damas e cavalheiros. Muitos dos relatos nos permitem imaginar as doces lembranças que permaneceram no paladar dos pelotenses, além de que esses estabelecimentos promoveram o nome da cidade já conhecida pelos hábitos refinados. Ainda assim, todo esse contexto não foi suficiente para que permanecessem em funcionamento: algumas não suportaram a crescente industrialização, outras sucumbiram pelo falecimento de seus idealizadores. Hoje restam apenas as lembranças e algumas fachadas dos prédios que um dia abrigaram as famosas confeitarias de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A realização de pesquisa de campo e documental para a obtenção de dados ocorreu unicamente por canais remotos, tais como a internet, redes sociais, serviços de digitalização e acesso de documentos, além de informações constantes em referências bibliográficas diversas. A realização deste trabalho, diante de contexto adverso frente à pandemia da Covid-19, revelou-se um desafio pessoal quando atividades presenciais estiveram restritas, dado que o próprio Museu do Doce esteve com suas portas fechadas durante o período de realização do estágio.

A consulta as fontes disponibilizadas pelo Serviço de Digitalização de Documentos da Biblioteca Pública de Pelotas (CDOV) foi um canal importante e que permitiu acessar antigos jornais que circularam ou circulam em Pelotas desde o Séc. XIX, bem como, almanaques e álbuns comemorativos ao bicentenário da cidade. Dentre essas publicações foram utilizadas o Álbum de Pelotas, de 07/09/1922, a revista Pelotas Memória, edição especial de 1992, de Nelson Nobre Magalhães, e diversas edições do jornal Diário Popular de Pelotas.

De todas as confeitarias estudadas, a Nogueira foi a que se destacou tanto em relação ao tempo de funcionamento quanto à sua colaboração para formação do Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (IPHAN, 2018), além da existência de acervo específico junto ao Museu do Doce, conforme acima explicado. Isso justificou o foco de nossas ações nesse tema. Dessa forma, foram produzidos, a partir dos estudos realizados, oito publicações junto das redes sociais do Museu do Doce com textos que exploraram aspectos históricos junto de imagens da Confeitaria Nogueira que pertencem ao acervo do Museu do Doce. A escolha das imagens e a produção dos textos foi desenvolvida como atividade curricular prevista no estágio, enquanto a concepção artística das publicações foi produto de Daniella Mano Marques, bolsista do Museu do Doce.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cinco mais antigas confeitarias de Pelotas comercializavam praticamente os mesmos produtos, não se limitando apenas ao comércio de doces mais

tradicionais. Pelo menos três delas possuíam panificação própria que atendia tanto ao público externo, como também lancherias próprias, a exemplo das existentes no interior das Confeitarias Nogueira, Abelha e Gaspar. Já as Confeitarias Brasil e Dalila ofereciam bebidas finas e artigos importados para comercialização, o que pode ser comprovado através de publicações em jornais que circulavam na época em que elas se encontravam em funcionamento. As confeitarias Nogueira e Brasil comercializavam os famosos queques, populares bolos doces em pequeno formato que frequentemente são lembrados em tom saudosos por antigos frequentadores desses estabelecimentos.

A partir da pesquisa realizada por canais virtuais, confirmou-se o *status* da Confeitaria Nogueira como sendo um dos mais importantes estabelecimentos do ramo doceiro de Pelotas e foi possível recuperarmos alguns de seus marcos históricos: a Nogueira, fundada em 1899 por Alfredo H. Nogueira Sobrinho, encontrava-se na Rua Quinze de Novembro. Sua atuação comercial estava voltada à importação de artigos para confeitaria, bem como de outros para armazém. O empreendimento anunciava de forma orgulhosa na imprensa local que vendia um café moído e açúcar refinado, e que também possuía marcas de *champagnes* e vinhos, conforme consta em publicações do Diário Popular, em diversas edições no ano de 1915. Na década de 1940 foi criado um bar junto aos espaços do estabelecimento. Em 1982, de acordo com publicação na imprensa local (DIÁRIO DA MANHÃ, 1982, p. 01), o estabelecimento teve seu funcionamento reativado, em ato que contou com a presença do prefeito Irajá Rodrigues. A Nogueira funcionava agora sob a coordenação da cooperativa das doceiras de Pelotas e fora beneficiada por programa de apoio econômico do Banco Mundial.

Em algumas redes sociais é possível se deparar com registros da memória gustativa de antigos clientes da Confeitaria Nogueira: José Fernando L. M., relatou: “Quem lembra das empadinhas que saíam do forno perto das 10:00h e não duravam 10 minutos. Sempre tinha fila esperando”. Em outro depoimento, Beatriz S. relata: “Muito lanchei as empadinhas maravilhosas assim como os doces de sabor inesquecível”. Ainda citamos o depoimento de Paulo M.: “Adorava os queques e “nariz entupido” (canudo folheado com recheio de creme)”, e o relato de Margareth G.G: “Os melhores doces de Pelotas eram os da Nogueira, principalmente os camafeus”. Todos esses depoimentos foram realizados na página do Facebook intitulada “Olhares sobre Pelotas”.

O material disponível no museu oriundo da Confeitaria Nogueira foi essencial para ilustrar os dados coletados na documentação e para a realização de publicações em páginas das redes sociais. Essas publicações (Ver exemplo das figuras 1 e 2) foram concebidas como ação virtual do Museu do Doce junto a Semana de Comemoração do aniversário de 209 anos da cidade de Pelotas, somando um total de oito publicações. A representatividade da Confeitaria Nogueira foi considerada um tema adequado para ser explorado nessa data alusiva. As publicações do Museu do Doce contemplaram os aspectos históricos e culturais da Confeitaria Nogueira, que permaneceu em funcionamento por mais de 80 anos, e sua importância para o desenvolvimento econômico da cidade, dando publicidade aos resultados obtidos no estágio curricular pela autora.



Figuras 1 e 2: Exemplo de 2 cards que integraram uma das publicações sobre a Confeitaria Nogueira no Instagram, como atividade que ocorreu durante a comemoração dos 209 anos de Pelotas. Cada uma das publicações foi acompanhada de legenda com informações históricas.

4. CONCLUSÕES

O estágio curricular obrigatório realizado em modo remoto veio a complementar aquilo que foi exposto durante a realização do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, quanto ao despertar para um olhar crítico e investigativo em relação à preservação do patrimônio cultural. Dentre os aspectos importantes, cita-se a percepção sobre a importância acerca da conservação preventiva dos bens que compõe a memória cultural de Pelotas, em particular no que tange aos documentos que guardam a história das antigas confeitarias de Pelotas. A divulgação virtual desses documentos, por exemplo, evita seu manuseio e possíveis impactos de degradação, além de colaborar para a valorização da memória local.

O estágio cumpriu seu objetivo de proceder o levantamento de dados e consulta a documentos históricos digitalizados acerca de algumas das mais antigas doçarias de Pelotas, com o destaque para a Confeitaria Nogueira, ainda que não se possa deixar de mencionar que as demais confeitarias também tiveram papel preponderante no desenvolvimento local. Cabe ainda destacar que a documentação consultada despertou interesse na autora em aprofundar a pesquisa, o que se dará com a continuidade do estudo a partir de aprofundamento da investigação sobre o tema por meio de um trabalho de conclusão de curso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. 2019. 291 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Doces de Pelotas: Tradição e História**. ... **Pelotas**, 2001, p. 59 1ª. ed. Pelotas: **Editora Armazém Literário**, 2001. v. 1. 62p.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória** v.2. Pelotas:1989, periódico sem editora.